QUINZENARIO DE ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE DO PORTO

Administrador: CORNELIO FOGAÇA GUIMARÃES

REDACÇÃO e ADMINISTRAÇÃO

Director - A. G. DOS SANTOS NOBRE

AVULSO, \$25 Cent. - TRIMESTRE, Esc. 1\$50

Editor: ANTONIO CARVALHO ANDRADE e imp na Tip. O PRIMEIRO DE JANEIRO

CAMPEONATO ACADEMICO

A selecção de estudantes jogadores do Porto vence, num belo desafio, a selecção de estudantes jogadores de Lisboa por 2 a 1, no Bessa.

DUAS PALAVRAS

EPOIS do exito do Orfeon e Tuna Academica estava naturalmente indicada a formação de um grupo desportivo. Formar-sehia um "team" que havia de jogar com outros "teams" das outras duas cidades universitarias de modo a estreitar intensamente as relações academicas entre Lisboa, Porto e Coimbra. Formados estes "teams" logo se pensou na realisação do campeonato interuniversitario.

As trez academias iriam mais uma vez reunir-se, iriam mais uma vez abraçar-se com o entusiasmo que brota das suas capas negras e com o calor que nasce na sua mocidade.

O primeiro encontro realisou-se no dia 17 de junho entre as academias de Lisboa e Porto com a presença de uma grande maioria de estudantes do Porto.

Falemos agora um pouco desse primeiro encontro.

OS DOIS "TEAMS"

SELECÇÃO DE LISBOA

Caldas, do 1.º grupo do Bemfica o explendido guardarede que tanto exito alcançou em Sevilha, em Barcelona e na Madeira.

Pinho e Castro Pereira, do Internacional, constituem a defeza. Sendo o primeiro um legitimo sucessor de Jorge

Pimenta, do Benfica veio a meia defeza com Seizal e Macedo dos Santos; eram os mais novos do grupo.

Tarroso, antigo avançado esquerdo do 1.º grupo do Imperio.

Honorio, meia esquerda de grande valor.

Mario Santos, o mais perigoso dos avançados-centros de Lisboa.

Mario Duarte, o conhecido guarda-redes dos Belenenses veio como suplente.

SELECÇÃO DO PORTO

Valente, o keeper do Espinho é notoriamente um dos nossos melhores guarda-redes. Oscar, o primoroso capitão do Boavista. Anibal Leitão, capitão do grupo. Alberico perigoso ponta esquerda do Vila-novense. Arnaldo Cruz, rapido avançado centro. Nuno e Mario Victor que mostraram o seu grande valor no 1.º encontro do campeonato de que vamos agora falar.

O DESAFIO

As 17 112 o arbitro sr. Oscar Ribeiro, fez alinhar os grupos que depois das saudações do estilo, iniciaram o jogo, cabendo o pontapé de saída ao grupo de Lisboa que joga com o sol e vento a favor.

Podemos dizer que só ao fim dos primeiros trinta minutos começamos a admirar algumas fazes de bom association.

Figueiredo, por exemplo, depois de receber uma bela passagem da esquerda, enviou a bola com um fortissimo shoot por cima das balisas portuen-

Regista-se tambem um esplendido remate de Alberico,



O «TEAM» DA ASSOCIAÇÃO DOS ESTUDANTES DO PORTO-2.º PLANO-DA ESQUERDA PARA A DIREITA-Julio Vouga, director sportivo que juntamente com Tarroso organisou o campeonato; A. CRUZ, LEITÃO, HUMBERTO, MARIO, VICTOR, CASTRO SOARES, OSWALDO, OSCAR E VALENTE -1.º PLANO - DA ESQUERDA PARA A DIRFITA - ALBERTO, SEQUEIRA E NUNO

tendo a bola batido na balisa e livrado o grupo de Lisboa de ver furadas as suas redes em primeiro logar.

Oscar intercepta muito bem um centro perigoso do directo, mostrando-nos assim o jogador de recursos que é.

Valente em ultimo recurso faz uma saida, tendo Figueiredo impelido a bola para um canto, sendo a integridade das redes da A. E. P. mantido por uma oportuna intervenção de Castro Soares.

Mais uma vez as rêdes do Porto são postas em perigo, devido a dois "falhanços" sucessivos de Humberto e Oscar, sendo salvas por Valente que se lança á bola, mostrando desta maneira a sua classe.

Logo a seguir Oscar falha novamente e o avançado centro de Lisboa corre rapidamente para a bola encaixando-a nas redes com um bom pontapé aos 35 minutos de jogo.

Nota-se uma certa apatia no Porto até ao fim desta parte. Na segunda parte, o Porto desenvolve mais energia e a

sua linha de avançados começa a trabalhar melhor pondo em risco constante as redes defendidas por Caldas.

Registam-se dois corners contra Lisboa de que nada resulta.

Os hálfs de Lisboa são constantemente passados obrigando os backs a um trabalho constante, salientando-se Castro Pereira que numa ocasião de perigo, em que Caldas estava no chão salva as redes da F. A. L.

Aos vinte minutos Mario Victor que tem estado a trabalhar bem, passa um dos backs e envia forte a um canto conseguindo desta maneira o primeiro ponto para o grupo portuense.

Os homens animam e cinco minutos depois, de bom ássociátion, Arnaldo passa a Alberico que com um pontapé sesgado obtem o goál da vitória.

Tarroso tenta animar os seus rapazes o que consegue em parte, devendo-se ao bom trabalho dos backs da A. E. P. não haver a registar um empate.

E sem mais fases de interesse

termina o desafio entre as aclamações da assistencia.

Mario Duarte, com pontapés sem direcção, marcou contudo bem o ponta esquerda do Porto.

Honorio aproveitando a sua explendida corrida poderia ter produzido muito mais se não fosse a maneira precipitada como conduziu a bola.

Do Porto, Valente regular; Oscar numa tarde pouco feliz, trabalhou contudo bastante, muito bem auxiliado por Hum-

Leitão distribuindo bem o jogo fez um bom logar de. medio centro.

Sequeira um tanto precipitado e Castro Soares fraco...

A linha de ataque trabalhou bem, exceptuando Oswaldo que prende muito a bola o que dá em resultado ser desarmado facilmente.

A arbitragem imparcial, mas um pouco desatenta.

Resumindo: foi um bom desafio, não se tendo registado a mais pequena violencia e cabendo à vitoria ao mais forte.

CONVERSANDO DEPOIS

No fim do desafio, estavamos contentes, não só porque a victoria coubera ao Porto, mas tambem porque tinhamos assistido a um bom encontro em que se não registára a mais pequena violencia.

E assim, estivemos conver-sando com o Alberto Valente e Anibal Leitão, dois dos melhores jogadores do nosso «team». Do que eles nos dis-seram, nós depreendemos o

... E não foi sómente, com mira na propaganda da Educação Fisica—indubitavel-mente sua sequencia logica que nos abalançamos a crear uma "Secção Sportiva" aden-tro da nossa Academia; não foi, decerto com o intuito de proporcionarmos aos rapazes uma fórma ideal ou agremiação unica para poderem "trabalhar" o seu corpo; — sem duvida que nas muitas sociedades sportivas da cidade, talvez que com mais criterio e acerto com mais vantagens alcançariam esse fim.

Não nos seduziu, poís, o desejo comum de qualquer club da especialidade como á primeira vista, mas erróneamente, possa ter sido apercebido por quem quer; foi mais académico que própriamente sportivo o nosso propósito, a ideia que formulamos e que não sem custo puzemos em prática entre mil dificuldades, mas que agora com grande satisfação vamos sentindo os seus efeitos, bem latentes e proveitosos.

Julgamos insuficientes — reconhecendo, é claro, fambem a sua utilidade não pequena o "Orfeon" e a «Tuna" para que a Academia se unisse, vivesse, para que com o esforço e sacrificio individual brotasse mais vigorosa e apreciavel a obra deste núcleo mental da nossa Pátria.

E foi, então, que como ho-mens de sport, pensamos em utilizar para tal fim esse edial que praticavamos já afóra da Academia. Sem dúvida que nenhum outro com mais probabilidades poderia satisfazer o nosso desiderátum; o vigor da nossa mocidade, o esforço máximo das nossas energias a defender as côres da bandeira da A. E. P., decerto acarretaria o interesse das nossas almas, o apoio das nossas vontades, unindo-nos no pensamento único da glória da Academia do Porto.

Porém (e é natural) talvez não tenha sido desde já totalmente realizado o nosso propósito; para isso maior soma de energias, mais vontade, mais trabalho se torna necessário para que de futuro não vejamos naufragar as aspirações de todos nós.

Não trabalhamos, pois, unicamente pelo sport, mas foi simplesmente com êle que pensamos erguer mais alto a Academia a que pertencemos, contando com o esforço de todos os estudantes do Porto, que oxalá, como até agora, jámaisnos desamparem.

ALBERTO F. VALENTE ANIBAL LEITÃO.



O «TEAM» DA FEDERAÇÃO ACADEMICA DE LISBOA-DA ESQUERDA PARA A DIREITA-TARROSO, HONORIO, RIGUEIREDO, PEREIRA, MARIO DUARTE, MACEDO SANTOS, ULRICH, PIMENTA, SUP CONUIT Oleg Chuim Rodrigues, Caldas, Castro Pereira

O Pesadêlo

Ao amigo Cristiano Teixeira

Que noite foi aquela tam escura Que me fez acordar em sobressalto?... Que ataque foi aquêle de loucura Em que eu chorei baixiuho e cantel alto ?...

Só quando vi o livro sacrossanto Que a minha alma lê todos os dias. Eu deixel de cantar e chorar tanto As minhas já perdidas fantasias.

Depois... Det uma forte gargalhada Que penetrou no ceu como oração E aguardel o castigo mais severo.

Mas... Sentindo o frescôr da madrugada Percebi que de encontro ao coração Eu apertava as paginas de ANTÉRO.

SANTOS NOBRE

DO ASILO DE S. JOÃO

Recebemos o seguinte, que muito agradecemos:

Ex. mo Snr. Director de O PORTO ACADEMICO:

Não podendo o Conselho Administrativo do Asilo de S João, da minha presidencia, galardoar de maneira mais con-digna a generosa, benemerita e filantrópica acção de V. Ex. a e do ilustre corpo redactorial do periódico que V. Ex.ª superiormente dirige, promovendo, no dia 7 de Maio findo, um espectaculo em benefício dêste Asilo, resolveu, ao abrigo do art.º 13 dos Estatutos, testemunhar a V. Ex.ª o seu vivo reconhecimento, propondo à próxima Assembleia Geral que O PORTO ACADEMICO seja considerado sócio benemérito desta instituição.

Mais resolveu o mesmo Conselho fazer igual proposta para o nome de V. Ex.ª e do Ex.mº Snr. Joaquim Perry Garoia, em homenagem ao esforço e boa-vontade desenvolvidos por V. Ex.ª na organisação do referido espectaculo em cujo desempenho colaboraram tão brilhantem. No. Aproveito o ensejo para enviar a V. Ex.ª a nota do produto liquido do mesmo espectaculo.

Dignem-se V. Ex.ª aceitar, com a expressão do nosso mais sincero reconhecimento, os protestos da mais elevada consideração.

Saude e Fraternidade

Porto e Asilo de S. João, 19 de Junho de 1923. O Provedor.

(a) MANOEL DE MORAES E COSTA.

Ressentimento

9 9 9

Maria:

Distribuida, ha pouco, no correio. entre uns quatro jornais que nem abri sequer, num envelope rôxo, a tua carta, velo com o periume enfim — sei lá? — doutra mulher.

Estranho-te de-vèras. Não! Não pode sêr!... Não és nada daquilo que en juiguei. Receio escrever-te... insultar-te, ouviste? Responder sem respeito nenhum, dum modo rude e felo.

Porisso al te envio — lá que as pedes tanto... as cartas que escreveste; e se é que te merece alguma pêna ou dó, a causa do meu pranto.

consente 'inda que eu chore a causa deste fim: - só bem se pode amar quem nunca se conhece, e eu támais te ocultei, o quer que fosse, em mim!

29 / MAIO / 1923

Do meu livre a sair ::LARACHAS::

MÁRIO VICTOR %

DESILUSÕES

AINDA O ORFEON... A GININHA

Lá fui novamente, de rua em rua, a casa da Gininha encantadora. Eu tinha-a encontrado de manhã, quando ela ia para a Faculdade, saltitando alegre como a andorinha. Eu extranhei ao vê-la assim tam contente e logo lhe preguntei pela crónica que costuma enviar-me todas as quinzenas. Ainda a não fiz, — disse, —

mas logo vá busca-la a minha casa, porque eu estou hoje satisfeita, muita satisfeita e hei-de escrevê-la sem escalpelisar a demente sociedade em que vivêmos como você foi dizer lá para o «Porto Acade-mico. Foi este o motivo que me levou a muito meditar durante o caminho, antes de ter chegado a casa da Gininha. E ela já lá estava, sentada no seu jardim, guiando a pêna sobre o papel.

Cheguei no momento preciso em que eta escrevia a sua cronica á sombra de uma arvore

muito amiga.

Eu esperei um bocado que ela terminasse. Não quiz interromper o dôce contentamento que ela possuia desde manhã, e só quando a vi guardar a pena, dobrar o papel e afastar o livro sobre o qual ela escrevera, foi então que eu me aproximei.

E' a crónica Gininha? Ah!... Estava ai?... E' a crónica, é... Tome-a lá; pode

Mas ela dissera estas palavras num tom de tristeza e en fiquei admirado com a mudança que desde manhã se produzira. Li a crónica, e olhei-a no fim com atenção.

Vi-a pálida, muito pálida, com a palidez do lirio branco, virando com os seus dedos tremulos as paginas de um livro, daquele livro sobre o qual ela escreveu.

Nós ainda continuamos a lêr os jornaes madrilenos que nunca esqueceram o brilho com que o nosso Orfeon se portou na capital espanhola. Pena foi que este ano se não realisasse a excursão a Valladolid-Zaragoza e Salamanca afim de que os espanhoes melhor se convencessem de que é grande o valor artistico do nosso Orfeon e da nossa Tuna. Já que essa excursão ficou adiada para a primavera do ano que vem afim de ser edificada em moldes bem seguros, nós vamos nos contentando com o que escreveram os grandes diariode Madrid quer ácêrca do nosso Orfeon e Tuna, quer ácêrca das consequencias da

AOS ASSINANTES

Américo Velozo (de Braga) érgio Saavedra losé Calafate Ribeiro António Rui Pereira Antero Campos Cruz

pede-se o favor de nos enviarem as suas novas direcções, para podermos mandar cobrar a importância referente ao 3.º trimestre.

Fôra levantado então o véu de mistério que resguardava aquela tristeza, tristeza que ela não tivera de manhã.

E' que os seus olhos tam castanhos, percorriam ávidamente aqueles versos tam belos que imortalisaram com a enormissima profundidade das ideias que encerram, o escritor ilustre que marcou uma época porque soube dizer á Humanidade aquilo que sentia.

Era o livro dos sonetos de Antero de Quental.

A. ESSIENE.

nossa visita áquela grande capital. Aí vai por isso um artigo interessante do jornalista Francisco Camba, publicado no "El Imparcial".

Los estudiantes de Oporto que han venido a Madrid para anunciar la visita de doscientos compañeros suyos, y conseguir, si es posible, una fuerte compenetración entre los dos países, están aterrados.

—Es verdaderamente triste—me decia uno de ellos—el desconocimiento en que España ha vivido

me decía uno de ellos—el desconocimiento en que España ha vivido respecto a Portugal. Es lamentabilisimo que portugueses y españoles no nos entendamos todavia.

Esto me lo decia a poco de llegar; pero a estas horas sus ideas han cambiado grandemente. Me lo decia en portugués, por la imposibilidad de decirmelo de otra manera y desde entonces a él todo. nera, y desde entonces a él todo el mundo comenzó a hablarle en una cosa que no será portugués, pero que se le parece inmensamente Unido a sus compañeros visita este hombre los periodicos. Viene aqui, y los recibe Alfonso Senra; van al A B C, y es Fernandéz Floréz quien les habla; se trasladan a El Liberal, y se encuentran con Pita Romero; pasan al Heraldo, y tropie-zan con Antón del Olmet.

-Pero-se preguntaron-, ces obligatorio el portugués en los pe-

riódicos españoles? Y si les asombró este conocimiento de su lengua materna por parte de los periodistas, imaginense ustedes el asombro de la Comisión al cumplir el deber de una visita al rector de la Universidad y presentarse a ellos el doctor Carraci-do hablándoles del mismo modo; do hablandoles del mismo modo; al saludar al presidente de los Amigos de Portugal, y encontrarse con el marqués de Figueroa; al del Congreso, y salirles el conde de Bugallal hablando, poco más o menos, el idioma bucólico de la región del Minho y de Traz-os-Montes...

¿Se trataba de un delicado ho-menaje por parte de las clases cultas? En el mismo idioma seguía hablándoles el camarero del hotel, y el cochero que los llevaba de un sitio a otro, y el sereno encargado de abrirles la puerta por las no-

ches... ¿Se deberia el grato fenómeno, como alguien pretendió decirles, a la abundancia de gallegos que tiene Madrid? Cierto que el gallego se parece al portugués extraordinariamente. Pero ¿podia admitirse que fueran gallegos todos los habitantes de la capital de España? ¡Gallego el periódica y gallego el periódica y gall be en cada periódico, y gallego el rector de la Universidad, y el pre-sidente del Congreso! ¡Gallego el subsecretario de Fomento, a quien visitaron por una cuestión de transportes, y gallega la Chelito, que en el teatro adonde fueron a espar-cir un poco el ánimo cantaba dul-cemente el fado más saudoso de

Portugal!
Están, están verdaderamente anonadados estos estudiantes de Oporto. Y deshecho el temor, un momento concebido, de haber equivocado las rutas y hallarse en Lisboa y no en Madrid, ya comien-zan a reconocer que, si portuguéses y españoles no nos entendemos, la culpa no es precisamente nuestra.

FRANCISCO CAMBA.

PAGINA FINAL

Este ano lectivo quasi terminou; se exceptuarmos uma ou outra ca-deira que pretende concluir os tra-balhos, apenas falta, a bem dizer, a oração funebre dos actos. Sím, os actos não são mais que uma oração fúnebre, o elogio da cadeira que se finou. Foi alguem com quem convivemos durante um ano, a quem suportamos alguns agravos, mas em cuja companhia fruimos horas de atisfação, que ficam a marcar nas vida uma lembrança muitas vezes com jús á saudade. Bem sei que é uma morte aparente que o proximo ano resuscita ou, melhor, renasce para outros, mas tambem semelhan-temente áqueles companheiros que a morte nos leva, correspondem nascimentos doutros que serão os amigos dos nossos vindouros, os seus íntimos, e repetir-se-há sempre a mesma soma e subtração da vida em que entramos como unidade

dum número que atinge biliões. Na verdade, analisando o que é para o estudante uma cadeira do seu curso, fácil nos será compreender a semelhança que nela encontro com alguem a cuja intimidade somos levados. Hà algumas que são como amigos sinceros, ferteis de conhecimentos e conselhos que nos guiam

Tinha a palidez do lirio branco. Magrinha, cabelos nêgros, sonhava com uma revoada mistica de préces...

Tarde, quando a tarde descia silenciosa, ela, a Rosita, bordava á luz enfraquecida, anémica do sol-pôr!

Um dia áquela hora, recebeu um postal d'alguem... D'alguem que conhecera junto do mar, dum mar que se espreguiçava á luz, serenamente.

Aquele postal era o portador de uma renuncia. Acabara uma Quiméra em fôgo, em delirio...

E' tarde agora que passo sob o mirante daquele jardim encantado ende a via a bordar, a bordar sempre... Não está! As arvores estão mudas, rezam as folhas, as flôres empalideceram de magua. Uma mulherzita, franzina e emotiva conta em voz tremula: « Morreu e foi para a cóva, branca como um urio, e ale parecia sonnai num dormir tranquilo. Como ela foi, como ela foi!... – e rolavam duas lagrimas transparentes pelas suas faces rosadas de mulher sentimental, emotiva. E como eu sinto uma Dôr profunda, sinceramente humana por a Rosita, que tinha a palidez do lirio branco. E magrinha, cabelos negros, parecia sonhar com revoadas misticas de preces...

GINA.

no futuro, confortando-nos com a sua amisade; são as que tratamos por tu, as que não teem para nós segredos. Outras teem irreverên-cias, dificuldades de relações, opos-tas aos nossos sentimentos, colidar com êles, torturam-nos e irritam-

TITOLÍVIO SANTOS MOTA. (Continua no proximo n.º)

MADRID

Logo depois da chegada, após uma brithante sessão de boasvindas na "Residencia de los Estudiantes», tivemos muito que encantar-nos das belezas da cidade e principalmente da maneira afável e carinhosa dos seus habitantes. Ouviramos sempre dizer mal dos nossos vizinhos, como se os antigos odios ainda palpitassem ardentes no seu sangue altivo dos filhos dos guerreiros de Aljubarrota! De ambos os lados, dando margem a acreditar-se que a fronteira impede uma aproximação util dos dois povos irmãos, a politica tem sempre pôsto entraves e creado

uma atmosfera de baixas intrigas. Sem que de leve se tocasse na continuidade historica, respeitando assim o alicerce sagrado do valor diverso de cada Povo, poderiamos estabelecer uma mais intensa comunhão de ideias e de afectos, que seguidamente originavam uma melhor defêsa dos interesses comuns.

Porem, satisfaz e alegra verificar que os primeiros passos foram dados com exito, com completo sucesso, parecendo vencida de vez a maldita indiferença, a criminosa apatia, e num futuro proximo se reconhecerá o valor indispensavel desta boa doutrina. A nós rapazes e estudantes, compete

orgulhar-nos de termos contribuido, duma maneira visivel para o estreitamento de relações atè aquí restritas ao campo hipócrita da diplomacia.

ToJos sentiam uma anciedade profunda, manifesta, por escutarem a melodia especialissima das nossas musicas, que exprimem todas as amarguras e todas as alegrias dum Povo que é ao mesmo tempo soldado e marinheiro, lavrador e poeta. Por isso, o Teatro Español por duas vezes se encheu das diferentes camadas sociaes, ávidas de passarem algumas horas de agradavel deleite espiritual. Adoraveis e formosas mulheres, galantes como as há em quasi toda a parteporque a Providencia assim o determinou para martirio do

coração dos jovens...-olhavam-nos com ternura e benevolencia.

Portanto, como seria possivel falharem as cordas vocais ou as cordas dos instrumentos, se tantos olhos gentis e travessos graciosamente inspeccionavam o palco, se tantas almas femininas, sensiveis no conjunto e algumas enamoradas, guardavam uma a uma, com religioso cuidado, as notas que iam ferindo o espa-

O pano subiu e desceu repetidas vezes, e a maior parcela de aplausos destinava-se ao Fado, a musica que mais fere o espanto daqueles temperamentos joviais. Pelo que bri-Ihantemente ainda ha pouco provou um dos nossos mais estimados e sabios professores, é de baixa condição a origem do "langorôso ritmo".

Comtudo, pelo triunfo que

ele teve no programa dos nossos concertos, bem merece perduraveis provas de sincera gratidão! Por essa altura, aviadores nossos, vinham pagar uma visita dos colegas espanhoes, e, ao vê-los, avivaram-se lembranças da vitoriosa terra donde tinham partido, mezes antes os novos navegadores, que em frágeis asas escreveram uma nova Epopeia, tendo a abençoala o simbolo palpitante e querido da Cruz de Cristo.

E nós no meio dos aplausos e das flores, sentiamo-nos felizes e cheios de confiança no Futuro, resolvidos a ceder todas as energias e a dedicar todas as crenças a este santo e vigoroso velhinho—que Portugal se chama e que Deus fadou para um Destino incomparavel e eterno!

(Continua)

ARNALDO DE A. PINTO

Noite de Junho ardente... uma policromia de côres graciosas e garridas... flôres... musica... palmas e flirts no teatro de S. João, em 2.º récita de assinatura (para muitos!) pelas alunas do Liceu Feminino Sampaio Bruno.

O espectaculo, marcado para as 20 ½ horas, começou perto das 10.

As três pancadinhas de Moliére...

Abre o pano e a sr.º D. Judite Cunha dá inicio ao Programa. Fraquinho de vozes e carinhas bonitas o Orfeon do Liceu cantou, com delicadeza, os numeros indicados. Agradou me sómente o «Côro dos Agradou me sómente o «Côro dos Marinheiros», de Puccini. (Como conselho direi ás orfeonistas que a

conselho direi ás orfeonistas que a ideia das capas negras entre toilettes claras não era de gôsto. Seria preferivel que estivessem com os vestidos de fantasia).

A 2.ª parte começou pelas Danças Rimadas, que compreendiam: a fantasia infantil A Cigarra e a Formiga, em que 8 petizas foram graciosas e me fizeram rir com as suas maneiras; Ranz des Vaches, numero que já seria interpretado na festa do ultimo ano, que foi regularmente; e o Bailado da Primavera, que não perdia nada se fôsse menos extenso. (A alma que desempenhou a Primavera deu pouca vida ao seu papel coreografico).

Finalmente o distinto compositor Armando Leça assume a regencia

Armando Leça assume a regencia da orquestra e tem o seu inicio a Dança das Escravas, musica do

LICEU **FEMININO** NO

mesmo artista e versos de Luiz de Camões, ensaiada pelo professor Raul Correia com aquelê savoir faire que sempre o distinguiu em toda a parte e que o torna digno da nossa admiração. Duma simplicidade encantadora, admiravelmente comencantadora, admiravelmente com-preendido e executado foi, na mi-nha modesta opinião, o melhor nu-mero da festa, posto os efeitos de luz o quizessem prejudicar. Chega, finalmente. a 3.ª parte e com ela o clou da festa: A Prince-

com ela o clou da festa: A Princezinha, «fantasia de costumes liceais
em 3 jornadas», á semelhança das
fitas cinematograficas, original das
alunas sr. as D. M. Angela Campos,
D. Dulce Freitas e Rosa B. de Oliveira, estas ás claras, e dr. Cardim
— e talvez ainda outros!—por detraz dum loun setinoso de alma,
com musica de D. M. A. Campos, A. Faria, J. Cassagne e A.
Silva.

A peca é leve e saltitante sobre-

A peça é leve e saltitante, sobretudo saltitante—visto que quasi todas andavam aos saltos—e tem

numeros de efeito.

A 2.ª e 3.ª jornada estão bem urdidas; a 2.ª devia ser sómente para as alunas do Liceu. Duma maneira geral, como carpintaria teatral, agradou-me a 1.ª; a 2.ª desagradou-

me e a 3.ª não me pareceu ori-

me e a 3.º não me pareceu original.

Na fantasia há 3 espécies de numeros que me agradaram — pelo verso e musica. — Bailarico e Desgarrada, Sabanas — da revista «E não ofende», representada no ano findo! — e especialmente as Provincias, adaptação do Cancioneiro Popular de Gualdino de Campos; pela musica — Perfeitas e Sufragista, de D. M. A. Campos; pelo verso e interpretação: Padeira de Aljubarrota. Fora êstes, houve numeros que agradaram como «Os Primos» que agradaram como «Os Primos»

que agradaram como «Os Primos» e a «Enfermeira». Porquê? Sabe-se 1á! Vale mais cair em graça do que ser engraçado.

A enscenação foi do Prof. Antonio Pinheiro e êste nome diz tudo. Sem êle adeus Princezinha... tinhamos Republica pela certa.

Mas passemos agora ao Primoroso Desempenho das Alunas como dizem os cartazes afixados e que

dizem os cartazes afixados e que me impressionaram pessimamente ao vêr duas especies de letra na apresentação do elenco. As de letra grande eram as estrêlas? Se assim eram deviam estar encobertas por alguma nuvem, pois, mesmo com binóculo, não as diferencei. O que as levaria a proceder assim? Vaidade? Falta de espaço nos cartazes?
Não sei!, mas, seja como fôr, o autôr (?) da ideia procedeu mal ou, talvez, irreflectidamente.

Quanto ao Primoroso Desempenho só existiu nos réclames.

Falta de vozes e de vocação para a scena, eis o que se notava com facilidade.

Coisas que me fizeram rir?!

para a scena, eis o que se notava com facilidade.

Coisas que me fizeram rir?! A pressa do burro em querer sair de scena. Estava comprometido.—
O ponto atirar rebuçados e flôres ás actrizes improvizadas. — A caça aos mesmos hos fins dos actos.— Aquela piada do 3.º acto entre um mestre e a Princezinha: «então quantas fazem exame??—Eu só!—Então a suplente póde retirar-sè!» A suplente era o gerico! O dialogo era pouco mais ou menos isto e como é muito feio não concordar com senhoras... sejamos gentis! com tantos efectivos a suplente era desnecessário. Pois então! — O 2.º e 3.º acto representam salas do Liceu. Era melhor terem pintado o Salão Arabe da Bolsa! Finalmente a conquista a dao duma joven de vestido azul por dois amigos cá da casa e o flirt descarado do boxeur D. P. com uma loirinha de truz. Caras bonitas, poucas; pintadas, muitas. Vestidos a estreiar, ás dezenas; digo isto porque reparei nos olhares furibundos que se jovene la conquista de se furibundos que se jovene la conferencia de se furibundos que se furibundo es que se furibundo que se furibundo que se furibundo es que se digo isto porque reparei nos olha-res furibundos que as jovens lan-

çavam umas ás outras.

PERRY GARCIA.

DIZENDO

COBARDIA

PEQUENAS COISAS

Com uma profunda magua vamos registar neste logar esta meia duzia de palavras. No Pavilhão do Hospital de Santo Antonio, encontra-se gravemente ferido o aluno do 2.º ano da Faculdade de Sciencias, José Rodrigues dos Santos, que tantas simpatias conta no elemento academico da nossa cidade.

O seu estado gravissimo, foi produzido por uma agressão que fez a esse nosso querido colega o miseravel futrica, Salvador Meireles Pinto Mourão, na sexta-feira 15 de junho por volta das 23 horas no lugar de Medancelhe, Rio Tinto. A agressão é constituida por 4 facadas no torax traiçoeiramente vibradas—disso estamos plenamente informados-tanto mais que o nosso querido colera é um rapaz forte muito forte mesmo, e o miseravel futrica que miseravelmente o atacou, é um cobarde de marca autenticada. Aos estudantes do Porto, prevenimos de que as visitas no hospital se começam a poder realisar daqui por alguns dias desde as 7 112 ás 22 horas.

E ao miseravel futrica que ninguem the queira estar na

> NOTA. - Como o grande miseravel ainda «anda á solta». devido ás leis, pois que não foi apanhado em flagrante, devem os bons amigos do José dos Santos, pedir ou mesmo exigir. a prisão do bandido. L' que se o caso não se resolver desta maneira, não sabemos quem possa responsabilizar-se pela «boa excelencia» de tam grande

O numero dezoito do nosso quinzenario, vai ser cuidadosas mente elaborado, pois se trata de um numero que será dedicado á mui nobre e altiva Academia do Porto.

E' incrivel!... Não pode-mos compreender. Escreve-nos alguem perguntando-nos com reservado interesse pela gentil colaboradora do Porto Academico que se oculta com o pseudonimo de "Gina", se é Fulana ou Cicrana, nomes que nos apresentam e que nós não conhecemos. Um dêles - disseram-nos - é de uma dama que não é nossa colega. Se teem muita vontade de saber - já por ai tanto se fala neste assunto — procurem dem mas adentro das portas de qualquer Faculdade da Universidade do Porto. Ai, sim; entre quem estuda encontrarão a formosa "Gina", que tanto tem preocupado os nossos queridos lei-

Pretendemos agora remediar um descuido que tivemos. Trata-se do seguinte:

A cobrança de assinaturas do Porto Académico tem sido admiravelmente feita aqui na nossa cidade bem como em diferentes terras do país onde existem estudantes. Só temos a lamentar que não possamos falar do mesmo modo com respeito á cidade de Vila Real, donde ainda o nosso delegado, aluno do Liceu de Camilo Caslelo Branco nos não enviou as respectivas contas.

O motivo porque os nossos assinantes de Vila Real não re-

cebiam o jornal a tempo, era muito simples, pois que provinha simp'esmente de não termos encontrado um habil correspondente como os que tivemos a felicidade de encontrar noutras terras. Aí ficam essas palavras como um pequenino

Se êsses mesmos assinantes não recebem o jornal desde o numero 13 é simplesmente porque o nosso delegado até hoje ainda não prestou contas.

Mas nós ficamos esperando.

Desde o dia 24 a 29 de Junho, realiza-se em Salamanca o IX congresso scientifico promovido pela Asociación Española para el Progreso de las Ciencias. Toma parte notavel nesta reuniao scientifica a Associação Portuguesa para o progresso das sciencias, que realiza assim o seu segundo congresso scientifico. O Porto Académico faz-se representar nêste congresso pelo seu director o estudante Santos Nobre e pelo membro da Empreza o estudante Fernando Cardoso Lima. Para êste efeito já partiram no ultimo sabado para aquela cidade hespanhola, na companhia de outros congressistas, entre os quais as mais altas glórias da sciencia portuguesa. Nós vimos que para Salamanca seguiram além doutros o dr. Gomes Teixeira, Presidente da Associação Portuguesa para o progresso das sciencias o dr. Woodhouse e dr. Bonifacio.

A 20 de Maio, na engraçada vila de Barcelos realizou-se o jantar de despedida do curso do 3.º ano da Faculdade de

Sciencias. Muitos dos académicos que nêsse dia confraternizaram, mudarão de Faculdade no próximo ano escolar e outros mudarão mesmo de Academia. O jantar revestiu, por isso, a maior imponencia e o mais intenso entusiásmo. Nós recordamo-nos ainda do primeiro jantar de confraternização do mesmo curso realizado em Valença em Junho de 1921. E ainda não esquecemos o jantar de 1922 realizado pelos mesmos académicos em Lamego durante a excursão que fi-zeram a esta cidade, Vila Real e Chaves. E não esquecemos êsses momentos deliciosos porque todos os que trabalham no Porto Académico fazem parte dêsse curso.

Estes jantares, estas festas de alegria tam sincera, ficarão gravadas para sempre na memória de quem a elas assistiu como se um muito sagrado dever não permitisse que fossem esquecidas.

Mais tarde, pela vida fóra, ao comemorar-se o aniversário de muitas formaturas, as festas realizadas nos tempos de estudante, serão olhadas com muito carinho e com muita saudade.

Recebemos do Asilo de S. João juntamente com o ofício que publicamos noutro logar, as contas referentes á festa de caridade realizada pelo Porto Açadémico em beneficio daquele Asi'o, no dia 7 de Maio, no teatro de S. João.

Eis um resumo dessas contas: Receita bruta . 6.881\$90 Despeza 2.400\$25

Produto líquido. 4.481\$65

Acêrca da festa da Liceu Feminino, vamos tambem dizer duas coisitas. Qual o motivo porque não mandaram sequer um unico bilhete para a Associação dos Estudantes do Porto, unica representante dos estu-dantes da nossa cidade? Qual o motivo, se essa briosissima Associação tem sido convidada a fazer-se representar-como é devido-em todas as festas académicas, em todas as festas de estudantes e professores? Qual o motivo porque não manda-ram bilhetes para essa nobili-ssima Associação que teve—e isto é por exemplo—nm logar na mêsa quando foi do douto-ramento de Joffre, o grande militar da França? Mas o êrro não ficou por aqui... Qual o motivo porque não enviaram bilhete para o Orfeon Académico do Porto, grupo artístico de subido valor como o mostrou em Espanha no ano findo? E o êrro torna-se enorme atendendo a que o Orfeon Académico do Porto cedeu gentilmente-isto nem que não queiram—os estrados que possue, para o orfeonsito das meninas lá do Liceu Feminino. Quem praticou êstes êrros tambem se não podia lembrar - isso é que é bem claro—de enviar um só bilhete para o Porto Aca-démico. Mas nós, valendo-nos do cartão de jornalistas, com livre tansito passado pela Policia Civil do Porto, consegui-mos entrar. Até o porteiro se curvou á nossa passagem fazendo o rasgado cumprimento de Senhores Doutores. Mas nós quizemos dar à critica um cunho de imparcialidade e por isso convidamos a fazê-la o nosso grande amigo o estudante Perry Garcia, ex-Redactor do Porto Academico.

ENTRE BAIONETAS

NOVELA VERDADEIRA PELOS DOIS ACADEMICOS EM COLABORAÇÃO: TITONOBRE E NOBRETITO

> CAPITULO VI POR TITONOBRE

Na manhã daquele dia, o capitão Armando de Brito despertára muito preocupado. Tinha dormido um sôno de sobresaltos, um sôno com intervalos, como que para descansar ou prolongar o horror do pesadelo. Sonhara... nem êle mesmo podia tirar daquelas scenas de horror que foram pedaços de sonhos, uma se-quência de compreensivel. Não podia recompôr aqueles farrapos de vi-sões que se sobrepunham, como as folhas das árvores no outono, formando um todo, mas com clareiras, manchas de luz a resaltar-lhes o descolorido. A dôr brincava com êle como um peixe num aquário es-férico para onde êle olhasse: aparecia e aumentavam-se-lhe as fórmas, tomando relêvo e brilho, para

logo se afastar, escorregadia e fluente, á sua retina desejosa de ver melhor. Ao longe, como evocação lúgubre, o canhão de vez em vez metralhava. Depois era um very light que atirava para o negro da noite uma mão-cheia de rubis e safiras, a manchar-lhe o negror. Finalmente nasceu o dia, um dia cinzento a sujar tudo com a sua luz, a perturbar a alma das coisas que ruminava saudades.

O capitão foi, então, passar os olhos pela terra de ninguem. Tudo calmo, mas duma calmaria que parece germinar tempestades, concen-

trar forças para a revolta. Adivinhava-lhe o coração que a morte devia andar perto, muito perto, talvez mesmo em seu redor, que

bem lhe sentia o hor etcio de lu-xúria a desejar-lhe a carne. Nunca lhe pareceu a manhã tão

longa; os ponteiros do seu relógio de pulso andavam como que moribundos a arrastar o tempo que não parecia caminhar. É pensava, pensava profundamente como se pela última vez lhe fôsse possivel pensar. Durante todo o dia fôra uma tortura

aquele esperar a morte, porque já a esperava como se ela lhe tivesse escrito a anunciar a visita.

Pela tarde a trincheira começou a ser beijada por um intenso fogo de barragem. Era ela que vinha e mandava ageitar o caminho para melhar poder camínhar a seu corso melhor poder camínhar o seu corpo de velha com séculos de deboche. Depois ninguem dormiu até ao dia seguinte, manhã cedo, quando co-meçou a intensificar-se o fogo. Os canhões cederam o logar ás metra-

Os portugueses respondiam aos bons-dias do inimigo, trocando cum-primentos de metralha com metralha. As nossas tinham até uma certa ironia quando se dispunham a falar; eram como que gargalhadas a es-carnecer a afronta e irritavam as do boche que vociferavam com mais

Davam a impressão de sa cuspi-

rem mutuamente, Estava tudo a postos e as baionetas semelhavam braços nús, prontos a tocar as carnes do inimigo, talvez duvidosas de que aquelas roupas cinzentas es-condessem carne.

Entre baionetas, numa carga vio-lenta, era a morte ideal que o capitão sonhara.

Os seus homens eram peritissimos nêste género de ataque: apertavam bem as armas com as mãos afeitas a prender a enxada e a rabi-ca do arado, e, os dentes comprimidos, lábios arreganhados, olhos abertos e faíscantes, atiravam-se sôbre os de lá, a trespassá-los. Diziam êles que as armas portuguesas precisavam de entrar nas carnes alemas, revolver-lhes o peito, para que êles não duvidem que os ceifeiros eram portugueses. O tiro não satisfaz; é apenas dar ao gatilho e a bala parte impelida mecânicamente, ao parte impelida mecanicamente, ao passo que a baioneta póde jogar-se com arte, imprimir-se-lhe, como os poetas fazem com a pena, um pouco de si próprios e, além disso, entusiasma ir colocar no peito do inimigo uma medalha de sangue, sagrá-lo he oi antes que possam morrer á mão de portugueses.

Súbito o inimigo galgou as trin-cheiras, avançou arremessando fôgo,

semeando a morte. Entre os nosso há soldados que rugem, um rugido rouco, intraduzivel, que pretende ser uma ameaça de extermínio.

As explosões sucedem-se. A terra come e chivar a segura dos que

começa a chupar o sangue dos que caem e contorcem-se no abraço da morte, estendidos no chão, a quererem sentir no corpo o contacto da terra, como filhos que pedem o último beijo da mãe, antes de adormecer. A morte no supremo delirio de luxúria, vem calada, respirando a fundo, ao morder as carnes dos soldados, a chupar-lhes o sangue que fica em manchas por sôbre terra, a contorcê-los no iltimo es-pasmo, derradeira convulsão do corpo que não quer deixar a alma e pretende guardá-la ainda, embru-lhando-se, dobrando-se e fica depois imovel como lenço, que acaba de

dizer um supremo adeus! No decorrer do combate, o capitão Armando tambem caíu ferido, mas a sua voz continúa a comandar, a incitar para a luta os nossos, como se a terra da Flandres pedisse a Portugal o esforço heroico de seus filhos para se resgatar, para ser livre ao batizar-se com o nosso sangue que não sabe correr em veias escravizadas.

TITONOBRE:

Petroleo Oleos de lubrificação Combustiveis

The Lisbon Coal & Oil Fuel Company, Lid Lisboa, Pôrto, Figueira da Foz, Viana do Castelo Lisboa. Pôrto, Figueira da Foz, Viana do Castelo Depositarios em todo o Paiz

FATOS desde 45\$00

(Cortes de 3 metros de explendidas casimiras) SÓ NOS DEPOSITOS DO

Donas da Covilhã

porque fabricam e vendem directamente ao publico todas as qualidades de fazendas para em todos os padrões e côres por menos de 30 a 60 %

Depositos de No PORTO: R. Fernandes Tomaz, 392-A venda a retalho Em LISBOA: R. dos Fanqueiros, 187-2.°

de Viveres. Confeitaria e Pastelaria

Velosio, Dias & Castro, L." Rua Formosa, 339 — PORTO

TELEFONE, 878

Sortido completo em todos os generos de mercearia, vinhos finos, champagnes, licores nacionais e estrangeiros. Unico depósito no Pôrto do famoso *Pão de Ló de Margaride*.

Especialidade em generos do Brasil, Chá e Café

João Baptista das Neves Colecção dos chapens de mais fino gosto para senhora e criança 15P. PRACE DA LIBERDADE, 16 PORTO

PORVIR Telefone numero 623 Manuel Caetano de Oliveira & C.a Limitada

Endereço telegráfico.

Preferi o calçado

da Portugal, Ltd.

Deposito n.º 1

R. 31 de Janeiro — Porto

EXPLICACOES Centro de

Aluno dum curso superior da Universidade do Porto explica as 6.ª e 7.ª classes do curso dos liceus.

Carta á Redacção com as ini-

ciaes S. L.

Bastos & Matos em C.ta

Panos para capas e batinas

Precos ao alcance das bolsas académicas

Rua Santa Catarina (angulo da rua Passos Manuel).

== PORTO